

Jovens precisam de “encontrar as palavras para soletrar o desespero”

DB-Carlos Jorge Monteiro

●●● O 25 de Abril não pode ser levado aos jovens da mesma forma que chega às gerações que o viveram ou que ajudaram a que acontecesse. A distância, de quatro décadas, esmorece naturalmente a exaltação que é própria das coisas próximas. Mas o 25 de Abril e o que ele significou de mobilização deve servir aos nossos jovens para que, eles também, se “libertem das suas amarras e afirmem as suas escolhas”, nas palavras de Lídia Jorge.

Literalmente, palavras, são o que a autora de “O dia dos prodígios” recomenda aos jovens: “Encontrem as palavras para soletrarem o vosso desespero”, disse a escritora, ontem, no colóquio sobre os 40 anos do 25 de Abril e o futuro, promovido em parceria pelo Centro de Estudos Sociais e o Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

Sabendo que “houve uma geração que, nos anos 70, não aceitou o seu destino e soube tomá-lo nas mãos”, é necessário que, hoje, os jovens saibam libertar-se das



José Neves, Rui Bebiano, Diana Andringa, Lídia Jorge e Sandra Monteiro, na sessão sobre o “futuro” do 25 de Abril

suas amarras e possam fazer as suas escolhas”, reforçou ainda Lídia Jorge, numa intervenção a propósito do tema “O futuro do 25 de Abril e da revolução”, que antecedeu a sessão plenária que abriu o debate a todos, a partir de alguns pontos fundamentais saídos dos seis grandes temas abordados em reuniões parcelares.

“Catálogo da liberdade”

Entre estes e apenas a título de exemplo – uma vez

que os muitos convidados se debruçaram sobre o futuro dos “três D’s” de Abril [democracia, desenvolvimento, descolonização], da ciência e da universidade, da cultura, das artes e das cidades, do trabalho e dos direitos económicos e sociais, dos movimentos sociais e da participação e, como referido, da revolução de Abril, ela própria –, o muito que foi conseguido na área alargada da ciência e da universidade, reconhe-

cendo o “presente como espaço de conquista, sem, no entanto, o considerar um processo acabado”.

Mas também, a partir do olhar que é dado pela arte, o convite feito por António Olaio, intermediado por José António Bandeirinha, para que todos visitem o “catálogo da liberdade”, na exposição patente até meados de novembro no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

| Lídia Pereira